

A crise monetária na Europa*

Karl Marx

Londres, 03 de outubro de 1856

A crise comercial geral que ocorreu na Europa no outono de 1847, e que durou até a primavera de 1848, foi acompanhada por um pânico no mercado financeiro de Londres, começando nos últimos dias de abril e alcançando seu clímax em 4 de maio de 1847. Durante estes últimos dias todas as transações monetárias foram levadas a uma completa paralisação, mas a partir de 4 de maio a pressão diminuiu e os negociantes e jornalistas congratulam-se sobre o caráter transitório e acidental do pânico. Poucos meses mais tarde a crise comercial e industrial europeia eclodiu publicamente, da qual o pânico monetário tinha sido apenas um sintoma e presságio.

Há agora um movimento análogo ao pânico de 1847 nos mercados monetários europeus. A analogia, entretanto, não é completa. Ao invés de se mover do oeste para o leste – de Londres via Paris para Berlim e Viena tal como ocorreu com o pânico de 1847, o atual está se movendo do leste para o oeste, com a Alemanha sendo seu ponto de partida, e dali estendendo-se a Paris, e por último atingindo Londres. Então o pânico assumiu um aspecto local a partir da lentidão de seu progresso, agora ele aparece imediatamente em seu caráter universal, a partir da rapidez de sua extensão, quando ele durou uma semana ou mais, agora ele já dura três semanas. Naquele período, havia poucos que suspeitavam ser o pânico o presságio de uma crise geral, agora ninguém duvida que ele poupa aqueles ingleses que se imaginavam fazer história ao ler o jornal *The Times*. O que os políticos mais perspicazes temiam, então, era uma repetição da crise de 1825 e 1836; do que eles têm certeza agora é de uma edição ampliada não apenas da crise de 1847, mas também das revoluções de 1848.

A ansiedade das classes superiores na Europa é tão intensa quanto o seu desapontamento. Tomando tudo isto a seu próprio modo, desde meados de 1849, a guerra (da Crimeia) era, ainda, apenas uma nuvem em sua percepção do horizonte social. Agora, depois que a guerra acabou, ou supondo-se que tenha acabado, eles fazem a mesma descoberta em todo lugar, como foi feito pelos ingleses depois da batalha de Waterloo, e da paz de 1815, quando os *bulletins* de batalhas foram substituídos por relatórios sobre o desastre industrial e agrícola. Visando salvar sua

* Título original: "The monetary crisis in Europe", cuja primeira publicação no *New York Daily Tribune*, nº 4833, data de 15/10/1856. Tradução de Paulo Barsotti e revisão de Jair Pinheiro.

propriedade, eles fizeram tudo o que podiam para acabar com a Revolução e para oprimir as massas. Agora estão descobrindo que eles próprios foram instrumentos de uma revolução na propriedade maior do que qualquer uma tencionada pelos revolucionários de 1848. A bancarrota geral é-lhes tão evidente que eles sabem ser coincidente com o dia da liquidação da grande loja de penhores de Paris; e como os ingleses descobriram, para surpresa deles, depois de 1815, quando Castlereagh, “o homem no caminho severo do dever”, cortou sua própria cabeça, que ele tinha sido um louco, então o público especulador da Europa já começa a questioná-los, antes mesmo que sua cabeça seja cortada, se Bonaparte alguma vez foi são. Eles sabem que cada mercado é excessivamente importador; que cada fração das classes proprietárias, mesmo aquelas nunca antes contaminadas, tem sido arrastada para o redemoinho da mania especulativa; da qual nenhum país europeu tem escapado, e que a demanda dos governos sobre os contribuintes foi levada ao extremo. Em 1848 os movimentos que mais imediatamente levaram à revolução eram meramente de caráter político, tais como os banquetes de Reforma na França, a guerra Sonderbund na Suíça, os debates da dieta Unificada em Berlim, os casamentos espanhóis, as disputas Schleswig-Holstein etc., e quando seus soldados, os trabalhadores de Paris, proclamaram o caráter social da Revolução de 1848, seus generais foram tomados de surpresa como o resto do mundo. Agora, ao contrário, a revolução social é amplamente entendida, mesmo antes de ser proclamada a revolução política; e uma revolução social realizada pela trama subterrânea não das sociedades secretas entre as classes trabalhadoras, mas pelos dispositivos públicos dos *Crédits Mobiliers* das classes dominantes. Assim a ansiedade das classes superiores na Europa é afligida pela convicção de que suas grandes vitórias sobre a revolução têm sido apenas instrumental para fornecer as condições materiais em 1857 para as tendências ideais de 1848. Todo o período que vai de meados de 1849 até o presente aparece, então, como um mero intervalo dado pela história para a Velha Sociedade Europeia, a fim de lhe permitir uma última exibição condensada de todas suas tendências. Na política, a adoração da espada; na moral, a corrupção geral e o retorno hipócrita às superstições desenfreadas; em política econômica, a mania de enriquecer-se sem as penas da produção – tais têm sido as tendências manifestadas pela sociedade durante suas orgias contra-revolucionárias no período de 1849-56.

Por outro lado, se colocarmos lado a lado o efeito deste breve pânico monetário e o efeito da proclamação de Mazzini e de outros, toda história desde 1849 das desilusões dos revolucionários oficiais é imediatamente despojada de seus mistérios. Eles nada sabem da vida econômica das pessoas, das condições reais do movimento histórico, e quando uma nova revolução estourar, eles terão mais direito do que Pilatos para lavar suas mãos e protestar que eles são inocentes do sangue derramado.

Já dissemos que o presente pânico monetário na Europa fez sua primeira aparição na Alemanha e esta circunstância tem sido apontada pelos jornais de Bonaparte para desculpar seu regime da suspeita de ter tido a menor parte na sua precipitação.

“O Governo”, afirma o *Constitutionnel de Paris*¹, “tem se empenhado para moderar o espírito de empreendimento mesmo após a conclusão da paz, pelo adiantamento de várias novas concessões e em proibir a introdução de novos esquemas na Bolsa. Infelizmente isto nada mais pode, não pode prevenir todos os excessos. Agora, de onde eles procederam? Se uma parte foi gerada no mercado francês, certamente foi a menor parte. Nossas companhias de estradas de ferro, partindo de um espírito de concorrência, foram talvez, muito apressadas na emissão de bônus, cujos lucros eram destinados a extensão de ramais. Mas isso não teria criado embaraço, a não ser para a massa de empreendimentos estrangeiros repentinamente surgidos. A Alemanha, acima de tudo, que não teve nenhuma parte na guerra, atirou-se indiferentemente nos esquemas de todas as espécies. Não possuindo ela própria recursos suficientes, apelou aos nossos, e como o mercado oficial estava para ela fechado, nossos especuladores o abriram à *Coulisse*². A França, portanto, se tornou o centro dos projetos cosmopolitas que podiam enriquecer os países estrangeiros às custas dos interesses nacionais. O capital se tornou, em consequência, caro em nosso mercado, e nossas ações encontrando poucos compradores sofreram essa depreciação que, na presença de tantos elementos de riqueza e prosperidade, surpreende o público.”

Tendo dado essa espécie de contra-senso oficial imperial sobre as causas do pânico europeu nós não podemos evitar dar outro exemplo de oposição tolerada durante o governo de Bonaparte.

“A existência de uma crise”, afirma a Assembleia Nacional, “pode ser negada, mas nós não podemos deixar de pensar que a prosperidade é algo em decadência, quando nós consideramos a recente receita de nossas ferrovias, nos valores dos adiantamentos do Banco sobre duplicatas, nos impostos sobre exportação arrecadados durante os primeiros sete meses do ano, os quais exibem uma queda de vinte e cinco milhões de francos”.

Na Alemanha, então, toda a parte diligente das classes médias, desde a contra-revolução de 1849, tem devotado suas energias ao empreendimento industrial e comercial assim como a parte pensante da nação tem abandonado a filosofia pelas ciências naturais. Os alemães neutros na guerra acumularam tanto capital quanto seus vizinhos franceses perderam na guerra. Encontrando-os nesta posição, com uma indústria progredindo rapidamente e uma acumulação de capital, o *Crédit Mobilier* admitiu considerá-los aptos para suas operações – a passiva aliança entre Bonaparte e a Áustria tendo já atraído sua atenção para regiões inexploradas da Áustria, Hungria e Itália. Entretanto, tendo estabelecido o exemplo e tomando a iniciativa da especulação na Alemanha, o próprio *Crédit Mobilier* foi surpreendido com o rendimento inesperado da especulação e instituições de crédito geradas por seus impulsos. Os alemães de 1855-6 receberam as constituições fraudulentas dos *Crédits Mobiliers* franceses como

¹ *Constitutionnel*, nº 274, 30/09/1856.

² Em francês no original, pode ser traduzido como “por baixo dos panos” ou “às escondidas”.

coisa pronta como os alemães de 1831 receberam as constituições políticas da França. Assim como um francês do século XVII que observasse maravilhado a corte de Luis XIV reproduzir centenas de nobres no outro lado do Reno; os franceses do último decênio ficaram surpresos de observar na Alemanha sessenta e duas assembleias nacionais onde eles com tanta dificuldade produziram uma. A Alemanha não é uma terra de descentralização afinal; mas a centralização é por si só descentralizada, de forma que em vez de um lá existem muitos centros. Este país estava, então, pronto para desenvolver num curto espaço de tempo e em toda direção os artifícios ensinados pelo *Crédit Mobilier*, tal como os costumes de Paris circulam na Alemanha antes que na França. Esta é a causa imediata do pânico ter feito sua primeira e mais difundida aparição na Alemanha. Daremos a história do próprio pânico e suas causas imediatas num próximo artigo.